

MODERNIDADE ARQUITETÔNICA EM CAJAZEIRAS. PB

ARCHITECTURAL MODERNITY IN CAJAZEIRAS-PB

MODERNIDAD ARQUITECTÓNICA EN CAJAZEIRAS-PB

Alcilia Afonso de Albuquerque e Melo¹

RESUMO

O ensaio pretende apresentar os resultados de pesquisa realizada sobre a modernidade arquitetônica produzida na cidade de Cajazeiras, localizada no Alto Sertão da Paraíba, por meio do estudo de edificações simbólicas construídas entre as décadas de 1960 e 1990. O objetivo é divulgar informações coletadas e divulgadas por primeira vez no livro Documentos da Arquitetura moderna na Paraíba (Afonso et al. 2025) com a finalidade de proporcionar o acesso às informações sobre esse momento e que possam ser aprofundadas em pesquisas futuras. Justifica-se pela necessidade em dar início a um trabalho de pesquisa sobre tais edificações que ainda não foram devidamente estudadas, para em um segundo momento, serem preservadas como exemplares da modernidade no sertão, expondo os seus princípios e atributos, que compõem tal acervo.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura moderna; projetos modernos; patrimônio moderno; Cajazeiras; modernidade paraibana.

ABSTRACT

This essay presents the results of research on architectural modernity in the city of Cajazeiras, located in the Alto Sertão region of Paraíba, through the study of symbolic buildings constructed between the 1960s and 1990s. The objective is to disseminate information collected and published for the first time in the book "Documents of Modern Architecture in Paraíba" (Afonso et al. 2025), providing access to information about this period that can be further explored in future research. The justification is the need to begin research on these buildings, which have not yet been properly studied, so that they can later be preserved as examples of modernity in the sertão region, highlighting their principles and attributes that comprise this collection.

KEYWORDS: modern architecture; modern design; modern heritage; Cajazeiras; Paraíba modernity.

RESUMEN

Este ensayo presenta los resultados de una investigación sobre la modernidad arquitectónica en la ciudad de Cajazeiras, ubicada en la región del Alto Sertão de Paraíba, a través del estudio de edificios emblemáticos construidos entre las décadas de 1960 y 1990. El objetivo es difundir la información recopilada y publicada por primera vez en el libro "Documentos de Arquitectura Moderna en Paraíba" (Afonso et al., 2025), brindando acceso a información sobre este período que podrá explorarse con mayor profundidad en futuras investigaciones. La justificación radica en la necesidad de iniciar la investigación sobre estos edificios, aún poco estudiados, para que posteriormente puedan preservarse como ejemplos de la modernidad en la región del sertão, destacando los principios y atributos que componen esta colección.

PALABRAS CLAVE: arquitectura moderna; proyectos modernos; patrimonio moderno; Cajazeiras; Modernidad de Paraíba.

¹ Doutora em projetos arquitetônicos pela ETSAB UPC. Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. Campina Grande, PB. BR. E-mail: kakiafonso@hotmail.com

INTRODUÇÃO

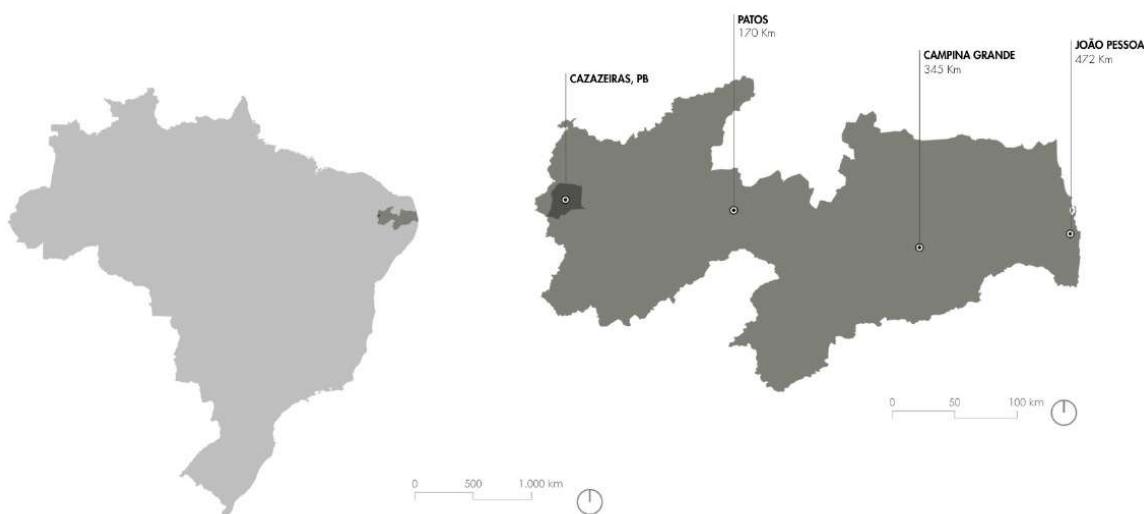
O ensaio pretende apresentar os resultados de pesquisa realizada sobre a modernidade arquitetônica produzida na cidade de Cajazeiras, localizada no Alto Sertão da Paraíba, por meio do estudo de edificações simbólicas construídas entre as décadas de 1960 e 1990. O objetivo é divulgar informações coletadas e divulgadas por primeira vez no livro Documentos da Arquitetura moderna na Paraíba (Afonso et al., 2025) com a finalidade de proporcionar o acesso às informações sobre esse momento, e que possam ser aprofundadas em pesquisas futuras.

Justifica-se pela necessidade em dar início a um trabalho de pesquisa sobre tais edificações que ainda não foram devidamente estudadas, para em um segundo momento, serem preservadas como exemplares da modernidade no sertão, expondo os seus princípios e atributos, que compõem tal acervo.

CONTEXTO GEOGRÁFICO

Cajazeira está situada no extremo oeste paraibano, fazendo fronteira com o Estado do Ceará. Sua topografia acidentada, e posição estratégica nas rotas rodoviárias regionais permitiram seu desenvolvimento como centro regional (Figura 1).

Figura 1: Mapa de localização de Cajazeiras.

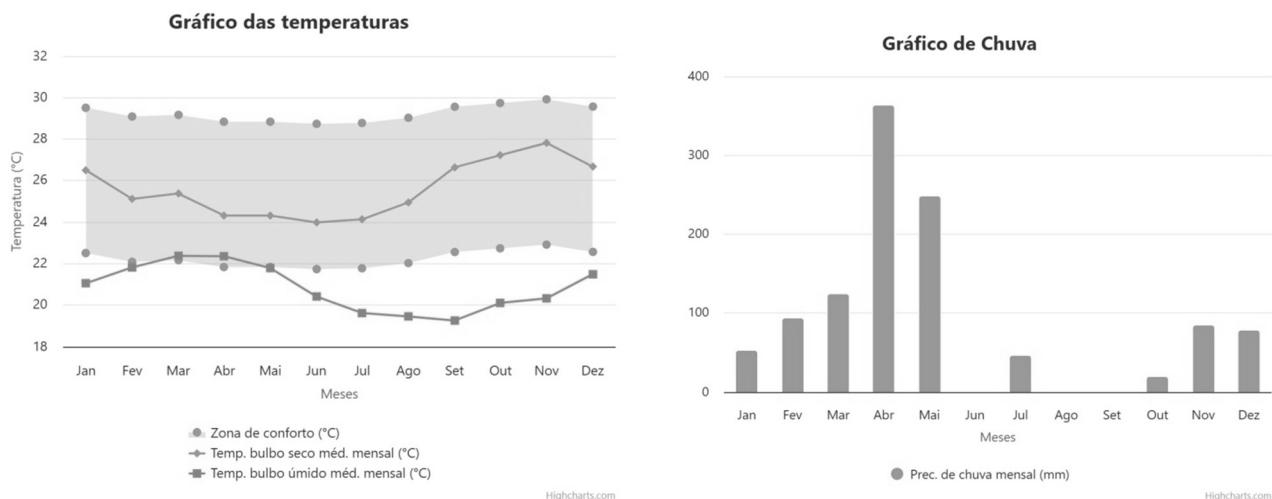


Fonte: Fernando Araújo. 2025.

A cidade possui um clima semiárido, característico do Sertão Paraibano, com temperaturas elevadas que variam entre 23°C e 30°C. A região é marcada por um regime pluviométrico irregular, tanto no tempo quanto no espaço, o que resulta em períodos de escassez de chuvas (Figura 2). Essa condição climática desafiadora historicamente demandou soluções adaptativas na arquitetura e no planejamento urbano para mitigar os efeitos do calor intenso e da pouca umidade.



Figura 2: Dados climáticos de Cajazeiras-PB



Fonte: <http://www.mme.gov.br/projeteee/dados-climaticos/>

Quanto à sua topografia, a cidade está localizada na Microrregião do Alto Sertão Paraibano, inserida na Depressão Sertaneja. O relevo é predominantemente de superfícies aplainadas, com eventuais elevações residuais alongadas. A sede municipal apresenta uma altitude média de 295 metros, com altitudes no município variando entre 245,91 metros e 746,24 metros, sendo o ponto mais alto na Serra do Vital, no limite com São José de Piranhas. Essa topografia contribui para a identidade paisagística da cidade.

A vegetação predominante em Cajazeiras é a Caatinga, um bioma exclusivamente brasileiro, adaptado às condições de semiárido, com espécies de pequeno porte, muitas vezes caducifólias (que perdem as folhas na estação seca). No entanto, com o crescimento urbano desordenado, a biodiversidade vegetal local tem sido comprometida. Observa-se que quintais de novos bairros e novas construções frequentemente substituem a vegetação por cimento, e os parques são escassos. As árvores plantadas nas calçadas são, em sua maioria, espécies não nativas, o que afeta o conforto térmico e a biodiversidade local.

A escassez de água é um desafio central na região, sendo Cajazeiras abastecida por recursos hídricos importantes, como o Açude Engenheiro Ávidos e o Açude Grande de Cajazeiras. O Açude Grande, um dos marcos da cidade, enfrenta atualmente um estágio de degradação devido à eutrofização e descuido.

Compreender esses aspectos geográficos é crucial para analisar como a arquitetura moderna em Cajazeiras buscou responder aos desafios e oportunidades impostos pelo ambiente, desde a adaptação climática até a relação com o desenvolvimento urbano e a gestão dos recursos naturais.

CONTEXTO HISTÓRICO

Cajazeiras, cidade encravada no Alto Sertão paraibano, está presente no cenário paraibano como um polo de desenvolvimento e cultura, cujas transformações urbanas ao longo do século XX revelam uma interação com as correntes arquitetônicas modernas regionais. Conhecida como "Terra dos Padres" devido à forte influência religiosa e educacional exercida por seus seminários e colégios, a história de Cajazeiras é marcada por um dinamismo que, desde suas origens, impulsionou a cidade para além de sua condição sertaneja.

Fundada oficialmente em 1863, Cajazeiras teve seu crescimento inicial impulsionado pela agropecuária e, posteriormente, pela educação, tornando-se um centro irradiador de conhecimento para toda a



região. Essa vocação para o progresso e a sua posição estratégica como entroncamento rodoviário no interior da Paraíba facilitaram a permeabilidade a ideias e tendências vindas de centros urbanos mais desenvolvidos. A cidade, que sempre buscou se afirmar como um farol de progresso no sertão demonstra em seu tecido urbano uma adesão à modernidade que se reflete na arquitetura de suas edificações públicas e privadas.

Longe de ser uma mera receptora passiva, Cajazeiras, ao longo das décadas, soube incorporar e ressignificar linguagens arquitetônicas que floresceram em capitais como João Pessoa e Recife, bem como em outros importantes centros regionais, a exemplo de Campina Grande. O período que se estende do pós-guerra até as últimas décadas do século XX, em especial, testemunhou a construção de edifícios que não apenas atendiam às novas demandas funcionais da cidade – como terminais rodoviários, bancos e escolas – mas também expressavam os ideais de progresso e funcionalidade da arquitetura moderna. O presente artigo propõe analisar a manifestação da arquitetura moderna em Cajazeiras, destacando as influências absorvidas dessas capitais nordestinas e a maneira pela qual esses projetos se integraram e transformaram a paisagem urbana do sertão paraibano.

Desde a fundação do Colégio Padre Rolim no século XIX, Cajazeiras se consolidou como centro educacional. A urbanização intensificou-se nas décadas de 1960 a 1980, período marcado por grandes investimentos públicos e pela atuação da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste). Embora a presença direta da SUDENE na cidade ainda requeira investigação documental mais aprofundada, sua política de interiorização do desenvolvimento influenciou, de forma ampla, a construção de equipamentos públicos modernos em centros regionais como Cajazeiras.

MODERNIDADE E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO EM CAJAZEIRAS NOS ANOS 1960 E 1970

As décadas de 1960 e 1970 representaram um ciclo de transformação econômica e urbana para Cajazeiras. Inserida nas diretrizes de modernização implementadas pelo regime militar, a cidade se beneficiou de políticas públicas voltadas à interiorização de serviços, infraestrutura e educação técnica. A atuação de instituições como a SUDENE, ainda que indiretamente, estimulou a chegada de capitais estatais e privados, facilitando a implantação de agências bancárias, serviços de telecomunicação (TELPA), escolas técnicas (como a ECIT Cristiano Cartaxo) e terminais rodoviários.

O aumento da conectividade regional, proporcionado por melhorias em rodovias e infraestrutura de transportes, aproximou Cajazeiras dos polos produtivos do Ceará e de Campina Grande, criando uma rede de trocas comerciais que potencializou o seu papel como entreposto do Sertão paraibano. A instalação de equipamentos modernos não apenas conferiu à cidade uma nova imagem urbana, mas também serviu como símbolo do “progresso” almejado pelo discurso desenvolvimentista da época.

Neste sentido, a arquitetura moderna foi apropriada como linguagem do desenvolvimento. A adoção de estruturas em concreto armado, formas geométricas puras, plantas modulares e soluções funcionais buscavam expressar racionalidade, eficiência e avanço tecnológico, acompanhando o ideário do projeto nacional-desenvolvimentista. Contudo, essa modernidade material nem sempre foi acompanhada por uma modernização social inclusiva, gerando tensões entre tradição e transformação. A cidade expandia seus limites físicos e econômicos, mas mantinham, em muitos casos, desigualdades estruturais.

A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) foi uma autarquia federal criada em 1959, durante o governo Juscelino Kubitschek, sob a idealização de Celso Furtado, com o objetivo de planejar e coordenar o desenvolvimento socioeconômico da Região Nordeste do Brasil, especialmente no combate à seca e à pobreza (Afonso, 2024, p.238-257). Sua área de atuação abrangia Estados como Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, e parte de Minas Gerais (Torres, 2019).

Quanto à influência da SUDENE em Cajazeiras observa-se que durante os anos de 1960 e 1970,



Cajazeiras, como parte integrante do Sertão Paraibano e, consequentemente, da área de jurisdição da autarquia, estava inserida no escopo das políticas e programas nela existentes. Conforme foi visto anteriormente, embora os resultados de pesquisa não detalhem projetos específicos ou investimentos diretos da SUDENE na cidade de Cajazeiras nesse período, é possível inferir sua influência indireta e geral a partir do contexto de atuação da Superintendência na região, apontando-se para alguns possíveis aspectos da atuação da instituição em relação à Cajazeiras, tais como:

- 1) Combate à seca e desenvolvimento rural: A SUDENE tinha como um de seus pilares o desenvolvimento de infraestruturas hídricas e o planejamento para mitigar os efeitos da seca na região semiárida. Programas como o PROHTORO (Programa de Aproveitamento de Recursos Hídricos do Nordeste) visavam a melhoria da disponibilidade de água. É provável que Cajazeiras, sendo uma cidade do sertão e já contando com importantes reservatórios como o Açude Grande e o Açude Engenheiro Ávidos, pudesse ser beneficiada por iniciativas de gestão hídrica ou projetos complementares.
- 2) Incentivo à industrialização: A SUDENE buscava promover um intenso desenvolvimento industrial no Nordeste, através de incentivos fiscais e financiamentos. Embora Cajazeiras não fosse um grande polo industrial na época, essa política regional poderia gerar um ambiente de expectativas e, em menor escala, impulsionar o desenvolvimento econômico local, ainda que de forma incipiente, através de pequenas indústrias ou agroindústrias. A política da SUDENE, especialmente em suas fases iniciais, tendia a focar em grandes projetos e incentivos fiscais que, por vezes, beneficiavam mais os grandes centros urbanos e setores capital-intensivos, com menor impacto direto na implantação de parques industriais em cidades menores do interior. O crescimento de Cajazeiras no período foi mais acentuado nos setores de comércio, serviços e educação, consolidando sua vocação como polo regional nessas áreas.
- 3) Melhoria de indicadores sociais: A atuação da SUDENE visava, em tese, a diminuição das disparidades regionais e a melhoria das condições de vida da população. Mesmo com críticas sobre o real alcance desses objetivos, especialmente em relação à pobreza rural, a presença e o foco da SUDENE no Nordeste significavam uma atenção governamental que não existia antes.
- 4) Planejamento e levantamento de dados: A inclusão de Cajazeiras em mapas e levantamentos regionais da SUDENE (como mencionado em documentos editados pelo MINTER/SUDENE em 1972) demonstra que a cidade estava no radar dos planejadores da Superintendência, o que poderia implicar em considerações para futuros projetos ou alocação de recursos.

Apesar da importância da SUDENE para o desenvolvimento regional, houve crescentes críticas a partir do final da década de 1960 e início dos anos 1970, que questionavam sua efetividade em reduzir a pobreza absoluta no meio rural e o aumento da dependência da região em relação aos centros mais dinâmicos do país (Afonso, 2014, p. 255). Essa conjuntura regional mais ampla teria impactado o desenvolvimento de todas as cidades nordestinas, incluindo Cajazeiras.

Observa-se ainda que nos anos 1960 e 1970, o desenvolvimento econômico de Cajazeiras foi impulsionado por uma série de fatores, consolidando a cidade como um polo regional no Sertão paraibano. Contudo, as informações disponíveis não indicam a implantação de grandes indústrias na cidade nesse período específico. Os principais elementos que contribuíram para o incremento econômico foram: Comércio e Serviços; Educação; Infraestrutura de Transporte; Expansão da Infraestrutura Energética.

Cajazeira se estabeleceu como um importante centro comercial e de serviços, atendendo não apenas à sua própria população, mas também aos municípios vizinhos do Alto Sertão paraibano e até mesmo de estados fronteiriços como Ceará e Rio Grande do Norte. A dinâmica comercial impulsionou a criação de empregos e a movimentação financeira na cidade.

A forte tradição educacional de Cajazeiras, com instituições de ensino fundamental, médio e,



posteriormente, superior (como o campus que daria origem à Universidade Federal de Campina Grande - UFCG), atraiu estudantes e professores, gerando um fluxo econômico significativo e criando um mercado consumidor diversificado. Esse setor foi um pilar fundamental para o crescimento da cidade.

A melhoria e a expansão da malha rodoviária, especialmente a construção e pavimentação de rodovias federais como a BR-230, foram cruciais. Essa infraestrutura facilitou o escoamento da produção local e o acesso de mercadorias à cidade, fortalecendo sua posição como entreposto comercial e hub logístico da região. A inauguração do Terminal Rodoviário Edifício Antônio Ferreira em 1964 é um reflexo desse desenvolvimento.

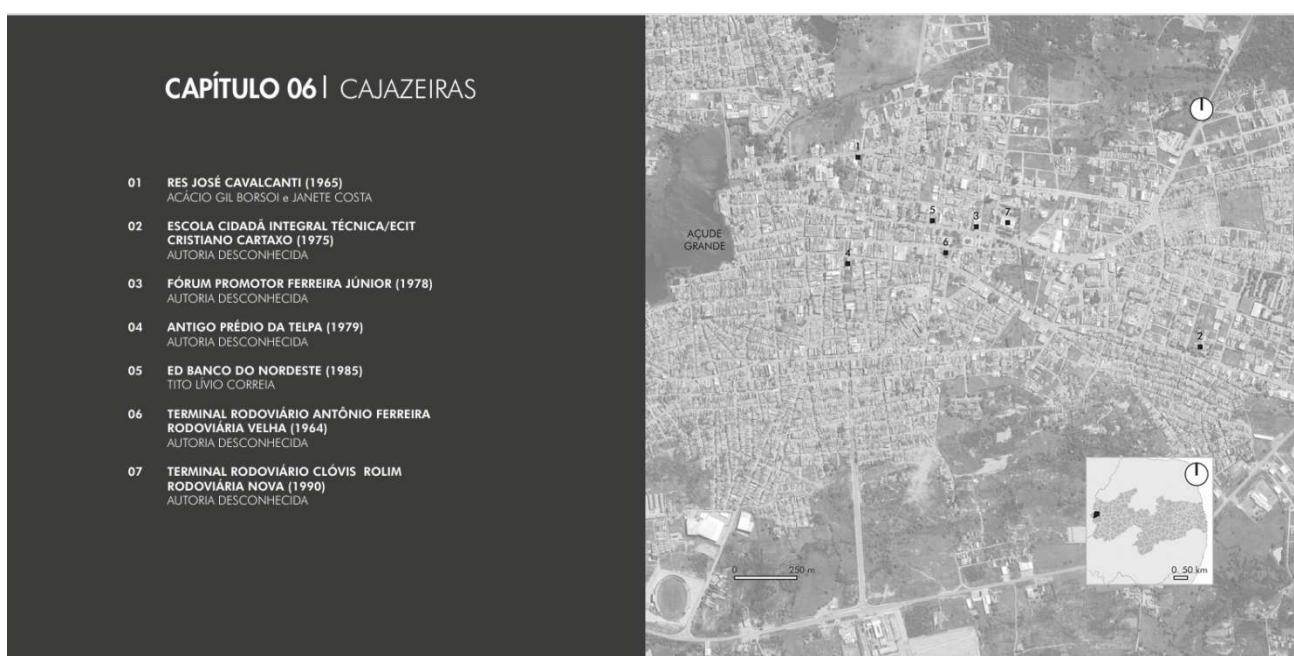
A chegada e a expansão da eletrificação, proveniente de grandes complexos como Paulo Afonso, embora não diretamente ligadas à implantação industrial em Cajazeiras naqueles anos, representaram um pré-requisito essencial para qualquer futuro desenvolvimento industrial e para a modernização da vida urbana e das atividades comerciais.

EXEMPLARES DA ARQUITETURA MODERNA EM CAJAZEIRAS

A modernidade em Cajazeiras por contemplada no capítulo 06 do livro “Documentos da arquitetura moderna na Paraíba” (Afonso et al., 2025, p. 262-281) com análises realizadas por Alcilia Afonso, Marina Goldfarb, e imagens fotográficas de autoria de Diego Diniz com Marina Goldfarb.

Esse texto utilizou como fontes secundárias essa referência, que de forma inédita apresentou por primeira vez tais obras analisadas arquitetonicamente. Aqui, será feita uma síntese do acervo que empregou critérios modernos, devendo o leitor interessado no aprofundamento de tais obras, consultar a obra acima citada. A modernidade arquitetônica em Cajazeiras pode ser entendida como parte de um movimento mais amplo no Nordeste brasileiro, onde novas tipologias e linguagens formais foram introduzidas, frequentemente por arquitetos com formação ou atuação nas capitais, que se conectaram com a cidade, seja através de clientes particulares ou de instituições públicas.

Figura 3: Mapeamento das obras modernas de Cajazeiras.



Fonte: Afonso et al (2025, p. 262-263)



A cidade, em seu processo de expansão urbana, especialmente a partir da década de 1960, viu proliferar a construção de imóveis que hoje compõem seu patrimônio arquitetônico moderno, levantados em pesquisa realizada pela autora com a colaboração de Marina Goldfarb e Diego Diniz (figura 3) , tais como os seis exemplares: o Terminal Rodoviário Edifício Antônio Ferreira (1964); Residência José Cavalcanti (1965-1966); Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) Cristiano Cartaxo (1975); Antigo Prédio da TELPA (1979); Edifício do Banco do Nordeste (1985-1986); Terminal Rodoviário Clóvis Rolim (1990).

Observa-se que o recorte temporal da maior parte das obras abrange os anos de 1970 a 1990, mas coloca-se que tais exemplares adotaram os princípios de modernidade, mesmo que tardivamente, em suas soluções projetuais, dialogando ainda com a expressão construtiva do brutalismo nas obras do Antigo Prédio da TELPA; do Edifício do Banco do Nordeste e do Terminal Rodoviário Clóvis Rolim, conforme será visto.

Terminal Rodoviário Edifício Antônio Ferreira (1964)

Considerado um dos primeiros edifícios verticais do alto sertão paraibano e o terminal mais moderno da Paraíba na época, a obra foi elaborada na gestão do prefeito Francisco Matias Rolim (1963-1969), e construída pelo empresário Raimundo Ferreira, que homenageou o seu pai Antônio Ferreira, colocando o seu nome no empreendimento (Figura 4).

Figura 4: Terminal Rodoviário Edifício Antônio Ferreira (1964).



Fonte: <https://coisasdecajazeiras.com.br/>

Está localizada em um terreno de esquina, entre as atuais Avenidas João Rodrigues Alves (acesso principal), Rua Valdenes Pereira de Souza e uma rua de serviço na sua fachada posterior, no bairro de Morro de Cristo Rei. Ao longo dos anos, as transformações urbanas ocorridas transformaram a zona em uma área comercial de grande movimentação. Segundo depoimento dado pelo jornalista José Pereira (Pereira, 2012, s/p), tal equipamento possuía uma importância para a cidade, pois além de ter um uso comercial e de serviços, era também um lugar de sociabilidade e de turismo, como ponto de encontro da juventude na época que se reunia ali para ver a televisão instalada em uma torre metálica de 3m de altura e que transmitia o Canal 2, diretamente da cidade de Fortaleza/CE.

Afonso (2025, p. 275) escreveu que a configuração da planta em formato de L dialogou com a forma do terreno triangular, criando recuos no edifício que foi implantado solto no lote, e que no decorrer dos anos passou por alterações projetuais e construtivas para abrigar em seu programa de necessidades, composto por venda de passagens rodoviárias, embarque e desembarque de passageiros, um hotel, e lojas de serviço.



O Hotel Esplanada tinha o acesso social pela fachada principal, e possuía quatro pavimentos. O setor destinado ao uso como rodoviária, era composto por lojas das empresas que vendiam as passagens para os ônibus que paravam em frente à edificação. Havia anteriormente uma marquise em balanço com pilares e laje em concreto armado onde os passageiros desembarcados aguardavam os taxis. (Afonso, 2025, p. 275)

A volumetria decorrente da planta em L, foi trabalhada com um jogo de alturas formando blocos que possuíam diferentes funções: O bloco mais alto composto por quatro pavimentos, onde funcionava o hotel, e que possuía uma marquise frontal, formando posteriormente um L com a fachada lateral de acesso às lojas de comércio e serviços que estavam implantadas no bloco mais baixo, que possuía um pavimento térreo e mais um andar para abrigar na parte térrea, as lojas e uma marquise frontal em balanço.

Tectonicamente uma estrutura modulada em concreto armado resolia de forma muito racional a planta dos pavimentos do volume mais alto, estando à mostra na marcação da composição das fachadas, que possuem janelas em fita, trabalhadas com folhas de correr em vidro estruturado em madeira, e com bandeiras superiores empregando venezianas de madeira. Um dos planos da fachada modulada foi trabalhado com um pano de cobogós cerâmicos que fazia a iluminação e aeração da escada de acesso aos pavimentos. A materialidade da obra era simples, adotando o concreto armado na estrutura, paredes em alvenaria rebocadas e pintadas, esquadrias em madeira e vidro, e ladrilhos cerâmicos como revestimentos das fachadas do pavimento térreo, entre outros.

Figura 5: Terminal Rodoviário Ed. Antônio Ferreira e seu precário estado de conservação.



Fonte: Fotos de M. Goldfarb. 2025.

Quanto à sua conservação, a edificação ficou em desuso desde quando inauguraram a nova rodoviária de Cajazeiras, no final dos anos 90, e atualmente foi interditada pela Defesa Civil, devido aos danos existentes na obra e que urgem por manutenção (Figura 5), conforme colocou o engenheiro civil Fernando Figueiredo (Figueiredo, 2023) que alertou sobre os riscos da falta de colapso da estrutura, pelo abandono que tem passado a obra, de grande significado na modernidade sertaneja paraibana. Sua atual interdição por danos ressalta o desafio da preservação do patrimônio moderno na região.

Residência José Cavalcanti (1965-1966)

A obra em análise está localizada em um terreno de esquina com declive entre as Rua Barão de Rio Branco e Rua Joaquim Costa possuindo 1170m² de área, em uma zona residencial e nobre do bairro Centro de Cajazeiras, tendo em seu entorno imediato, o antigo Colégio Padre Rolim, atual Colégio Nossa Senhora de Lourdes (Figura 6).





Figura 6: Mapa de localização da Residência José Cavalcanti. Fonte: Melo, 2013, p. 178

O projeto da residência José Cavalcanti é de autoria do arquiteto carioca Acácio Gil Borsoi, que se radicou em Recife/PE e atuou como professor e profissional liberal, produzindo obras em todo o país, mas, principalmente, em várias cidades do Nordeste brasileiro (Afonso, 2006). A escolha do terreno foi sugerida pelo arquiteto em visita à Cajazeiras, que escolheu um terreno com dimensões de 52 m x 22,50 m, e indicando a sua esposa e arquiteta, Janete Costa para realizar o projeto de interiores conforme colocou Melo (2013, p.175) em suas observações sobre a obra. O casal sempre trabalhava em parceria e Janete se firmou no mercado, como uma das mais respeitadas arquitetas em sua área de atuação. (Afonso, 2025, p. 264-265)

Melo (2013) em sua dissertação de mestrado sobre as casas de Borsoi na Paraíba, analisou a obra entre outras, contribuindo bastante para o estudo dela nessa pesquisa específica sobre a modernidade de Cajazeiras.

Borsoi era muito experiente na concepção de projetos arquitetônicos, pois nesse período já atuava a mais de 15 anos na área, e principalmente na área residencial, com uma intensa produção e expertise desde os anos 50 do século XX (Afonso, 2006), e concebeu essa casa em Cajazeiras, com uma planta térrea, zoneada em setores muito bem delimitados, adotando os critérios projetuais modernos, como modulação, partido laminar e um jogo de planos suaves que delimitaram os acessos e fluxos, conforme pode ser constatado nas figuras 7 e 8.





Figura 7: Planta baixa da Residência José Cavalcanti. Fonte: Melo, 2013, p. 179

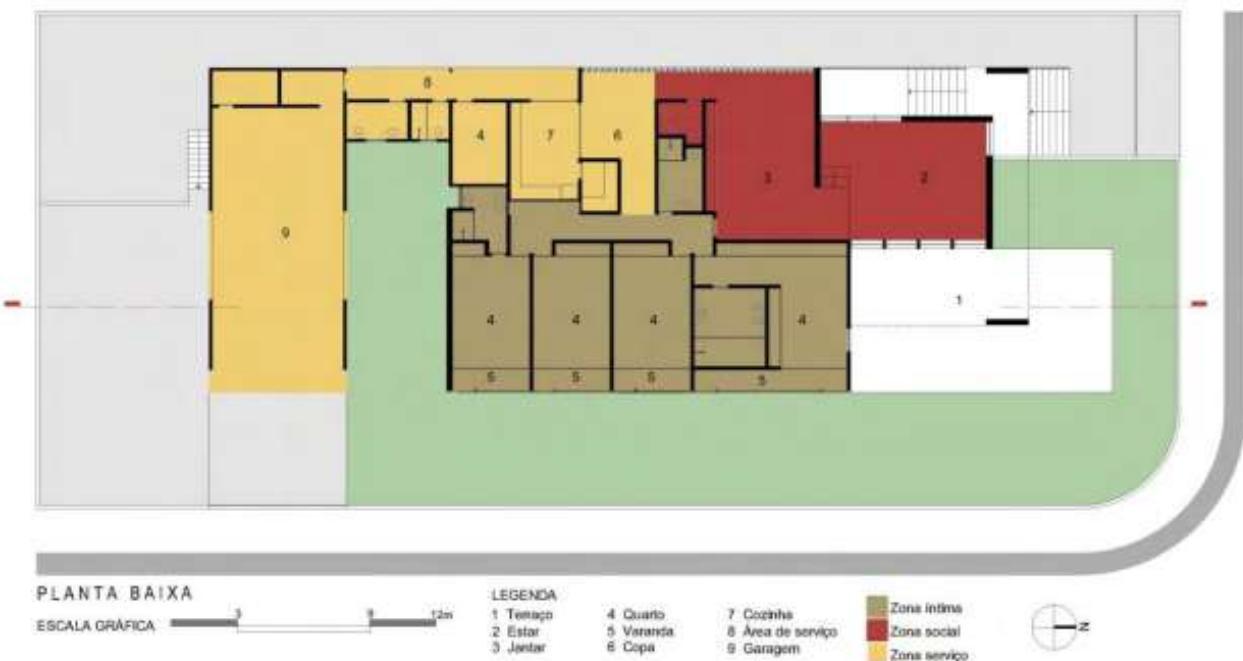
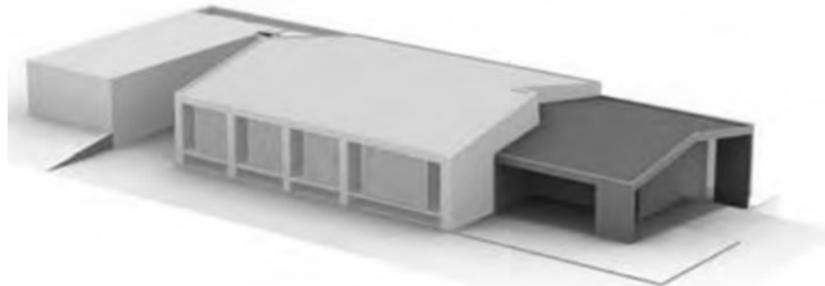


Figura 8: Zoneamento das áreas intima, social e serviço da Residência José Cavalcanti. Fonte: Melo, 2013, p. 179

Quanto à forma, o arquiteto concebeu três volumes independentes (Figura 9), e cada um com uma determinada função, mas interligados, e cobertos com lajes inclinadas, no qual “destaca-se o pórtico gerado pelas duas águas e pelos pilares na fachada de acesso aos pedestres, desalinhado com relação ao volume maior da composição” (Melo, 2013, p.181).



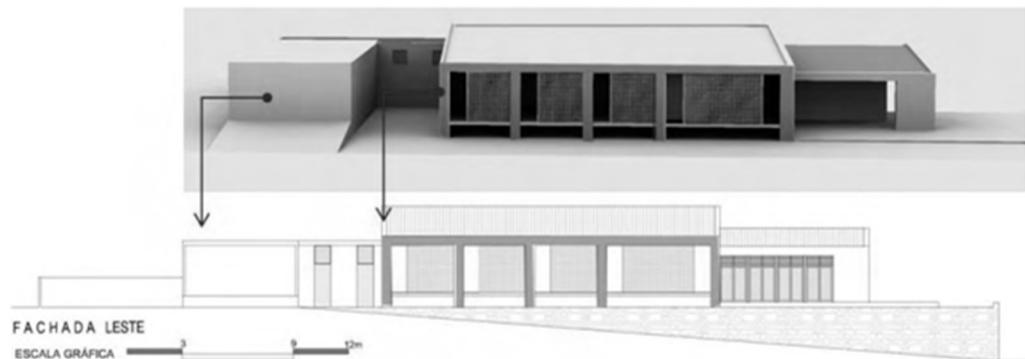
Figura 9: Planta baixa e fachada leste da Residência José Cavalcanti.



Fonte: Melo, 2013, p. 181

Na fachada lateral, com acesso à Rua Ludgero da Silva, o volume central destinado à área íntima marca o desenho dessa fachada pelo tratamento recebido de um jogo de pórticos modulados e ritmados (figura 10), sobressaindo-se estruturalmente o que é referente à varanda da suíte máster.

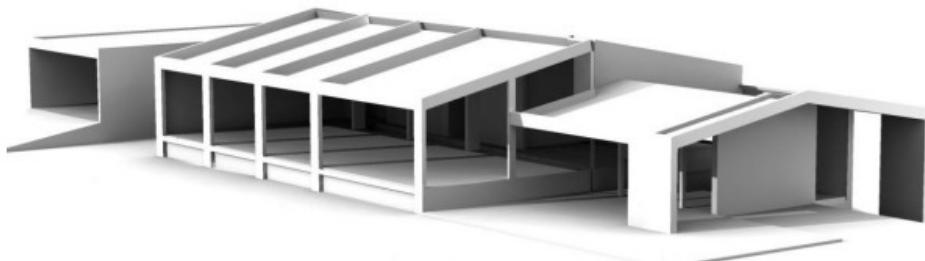
Figura 10: Planta baixa e fachada leste da Residência José Cavalcanti.



Fonte: Melo, 2013, p. 182

Tectonicamente o sistema construtivo adotado foi o concreto armado, usado em vigas e pilares em formato de pórticos inclinados: as vigas foram empregadas invertidas permitindo que as lajes funcionassem como forros sem elementos interferindo nos grandes planos (Figura 11).

Figura 11: Estudos da estrutura e sistema construtivo da obra.



Fonte: Melo, 2013, p. 184

Climaticamente desperta interesse o tratamento dado por Borsoi às peles que ele criou nas varandas da área íntima- um plano de cobogós e gradis com mesmo desenho, protegendo-as visualmente da rua, mas também criando um anteparo climático para as altas temperaturas e altos índices de insolação do sertão paraibano (Figura 12).





Figura 12: Detalhes do gradil e cobogós da fachada lateral. Fonte: Fotomontagem de Melo, 2013, p. 183



Figura 13: Planta baixa e fachada leste da Residência José Cavalcanti. Fonte: Fotomontagem de Melo, 2013, p. 182

Quanto à materialidade, predomina as pedras rústicas nos muros que funcionam como arrimo da topografia, presente principalmente na fachada principal da casa (figura 13); o mármore Carrara em escadas e detalhes, o tijolinho cerâmico como revestimento de paredes, pastilhas, a madeira natural nas esquadrias e corrimãos em aço e o cobogó em concreto com formato circular: “O arquiteto era aficionado em detalhes em madeira (Afonso, 2022, p.266) e detalhou as esquadrias da residência em venezianas que permitiam um maior aproveitamento da ventilação e luz natural contribuindo com o conforto climático dos ambientes” (Melo, 2013, p. 183).

Até os dias atuais mantém sua função residencial, apesar da intervenção que sofreu em 1978 quando a edificação passou por uma grande reforma e ampliação, também assinada por Borsoi, mas agora com a colaboração da arquiteta paraibana Vera Pires, que trabalhava no escritório do casal em Recife e ficou responsável pelo acompanhamento da obra, segundo informações coletadas em pesquisa realizada por Melo (2013, p.176).

Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) Cristiano Cartaxo (1975)



Figura 14: Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) Cristiano Cartaxo (1975). Fonte: Foto de M. Goldfarb. 2025.

A edificação foi projetada pelo Governo Estadual, através da equipe de arquitetos da Secretaria de Educação para abrigar uma escola fundada em 17 de março de 1975, com a denominação de Escola Polivalente Cristiano Cartaxo (figura 14). Desde a sua fundação possuía aproximadamente 700 alunos e por ser polivalente, funcionava com cursos profissionalizantes, através de oficinas de marcenaria, cerâmica, educação para o lar, aulas de música, dança, coral etc. O seu nome homenageava o farmacêutico e poeta Cristiano Cartaxo Rolim (1887-1975), pertencente a uma das famílias tradicionais locais.(Ferreira, 2010, p.69)

A obra está localizada em um terreno de esquina com a frente para a Av. Júlio Marques do Nascimento, 915, e ruas laterais para a rua Maria Dantas Oliveira, no Bairro Jardim Oásis, na Zona Leste de Cajazeiras, implantada recuada dos muros, na parte mais alta de um amplo terreno com topografia acidentada. Limita-se ao norte com a Igreja da Sagrada Família, ao sul com o Morro do Cristo Rei, ao leste com a BR 230 e ao oeste com o Jardim Oásis.

Quanto ao seu uso, a partir de 21 de dezembro de 2018, a escola foi transformada através de Decreto estadual Nº 38.923 em Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) Cristiano Cartaxo ofertando os cursos de Técnico em Administração, Técnico em Informática e Técnico em Contabilidade. O modelo de escola é fundamentado a partir dos direcionamentos da Lei Estadual 11.100/18 que trata da implantação da Modalidade de Educação Integral no Estado da Paraíba.

O programa de necessidade amplo, e seguindo as normativas da secretaria de educação estadual, foi trabalhado distribuídos em quatro blocos laminares, e emparelhados de dois em dois, em plantas baixas moduladas. A questão das altas temperaturas na cidade é um problema e a solução arquitetônica para um equipamento educacional obviamente procurou soluções de uma arquitetura bioclimática para tentar amenizar essa questão, criando pátios entre os blocos, proteções através de beirais, telhados cerâmicos e uso de materiais como o cobogó para permitir a aeração constante dos ambientes e um controle da luminosidade natural.

Pode-se observar que cada bloco possui uma solução de cobertura em duas águas que são coletadas em grandes calhas em concreto armado aparente que marcam linearmente as fachadas longitudinais. Essa solução é marcante na composição das empenas das fachadas laterais cegas, predominando os cheios sobre os vazios e o arremate do rufo saliente em concreto armado que se alinha com a calha/viga que funciona também como marquise protegendo as salas das incidências solares.





Figura 15: Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) Cristiano Cartaxo (1975). Fonte: Fotomontagem de M. Goldfarb. 2025.

Na fachada principal observa-se o uso de pilares modulados marcando um ritmo das esquadrias, que ficaram embutidas nos saques desses pilares (figura 15), sendo cobertos pela calha/ viga. Na materialidade dessa obra, além do concreto armado aparente, e da alvenaria tradicional rebocada, pode-se observar o uso de elementos vazados nos fechamentos dos pátios entre blocos e nos arremates das paredes altas que recebem a inclinação.

Quanto à conservação, a comunidade escolar lamenta promessas estaduais sem fim para a ECIT Cristiano Cartaxo (2024) com manifestações públicas divulgadas na imprensa, onde questionam promessas não cumpridas, no que diz respeito à estrutura do espaço físico e à falta de professores na escola, além de solicitarem urgentemente o uso de condicionadores de ar para o bom funcionamento da Escola nos meses mais quentes que chegam a impossibilitar as aulas.

Antigo Prédio da TELPA (1979)



Figura 16: Antigo Prédio da TELPA (1979). Fonte: Foto de M. Goldfarb. 2025.

A edificação foi implantada em um terreno de topografia acidentada, na esquina da Rua Sebastião Bandeira de Melo (acesso principal) com a rua Dr. Bonifácio Moura (acesso secundário), solta no lote e marcando a paisagem urbana pela sua imponência volumétrica (figura 16). Na parte frontal do edifício, um pátio de estacionamento com um agenciamento paisagístico simples compõe o tratamento dado à



área externa, que possui em seu entorno, imóveis de uso comercial, com predominância de edificações simples e com gabarito baixo, observando-se que essa obra não dialogou com o lugar na sua inserção.

A edificação possuía um uso institucional e era a sede na cidade de Cajazeiras da TELPA/ Telecomunicações da Paraíba S/A, empresa operadora de telefonia do sistema Telebrás no estado da Paraíba antes do processo de privatização em julho de 1998. Segundo Porto (2012, p.43) o acesso principal da edificação “está sob um dos volumes sacados, sendo destacado por uma escadaria de acesso e por ser a maior abertura do edifício formado por um grande plano de vidro”.

Porto continuou comentando em seu texto que essa sede “assemelha-se bastante à sede de Patos e possui elementos comuns com a de Souza, como fato de ser um grande volume fechado”. Por ser um projeto institucional de uma empresa de telecomunicações, o projeto de criação de protótipos era bastante usual naqueles anos, como maneira de criar uma identidade arquitetônica e certa racionalização para essas obras, que possuíam um funcionamento muito técnico.



Figura 17: Antigo Prédio da TELPA (1979). Fonte: Fotos de Marina Goldfarb. 2025.

Foram projetados três pavimentos com pés-direitos altos, e com poucas aberturas exteriores (figura 17): um grande plano envidraçado compõe a fachada principal em um dos módulos do vão, e é referente espacialmente a uma área de hall da escada de acesso. Esquadrias verticais formam uma espécie de seteiras e estão presentes no segundo e terceiro pavimento.

Do ponto de vista tectônico, pode-se observar o uso de estrutura em concreto armado marcando a volumetria que deixa à mostra a marcação das vigas e pilares que compõem o desenho das fachadas, onde se observa um dinamismo plástico pelo saque de volumes no eixo horizontal e pela caixa d’água e a base da antena no eixo vertical na fachada principal. O detalhe das vigas do pavimento térreo recebeu um detalhamento diferenciado, com uma terminação em Y, largos e extensos, que funcionam também como marquises na fachada principal. (Afonso, 2025, p.271)

Outro elemento compositivo em concreto armado aparente foi uma barra com detalhes verticais em alto e baixo relevo que acompanham o desnível da topografia nas fachadas das ruas Dr. Bonifácio Moura e parte da esquina da Rua Sebastião Bandeira de Melo.



Figura 18: Antigo Prédio da TELPA (1979). Fonte: Foto de Marina Goldfarb. 2025.

Quanto à materialidade da obra, destaca-se o uso do concreto armado, esquadrias em vidro estruturadas com alumínio natural e o uso de pastilhas na cor caramelo, que contrastam com a estrutura potente aparente (figura 18).

Plasticamente, a obra adotou a linguagem brutalista, predominando na volumetria os cheios sobre os vazios com a predominância das soluções estruturais sendo destacadas. Uma solução diferenciada foi dada ao último pavimento, pois não dialogou com os demais, criando um descompasso visual na composição da obra: acredita-se que pode ser resultado de intervenções posteriores que não consideraram os atributos originais do projeto, que estivessem sido mantidos, poderiam valorizar o edifício como um todo.

Tal afirmação é resultado de análise das demais fachadas na volumetria, onde se pode constatar claramente esse acréscimo posterior do último pavimento, que não dialogou com a forma existente, apesar de tentar adotar uma materialidade semelhante, mas com soluções descompassadas estruturalmente e volumetricamente.

Edifício do Banco do Nordeste (1985-1986)

A obra da Agência do Banco do Nordeste de Cajazeiras está situada em um terreno de esquina, entre a Rua Padre Rolim (a rodovia estadual PB-393) e a Rua Geminiano de Souza, na área central da cidade, com um entorno predominantemente de uso residencial, com baixo gabarito, não existindo uma relação de inserção do edifício com o contexto urbano local, observação feita pelo professor Carlos Lemos sobre a política bancária naqueles anos: “essas novas agências bancárias, totalmente desvinculadas dos contextos urbanos, mais parecendo estranhos objetos vindos de outras galáxias pousados entre o casario modesto” (Lemos, 1981, p.28).

O projeto é de autoria de Tito Lívio Correia, arquiteto cearense de carreira do BNB que desenvolveu uma proposta que foi replicada na cidade de Santo Antônio-RN, desenvolvido entre os anos de 1985-1986 (Nogueira, 2028, p.225). Do ponto de vista formal, a agência de Cajazeiras faz parte da fase do “modernismo persistente” (figura 19), de acordo com a classificação adotada por Nogueira (2018, p.29) que praticamente coincide com o período do Regime Militar, indo de 1964 até 1986.

Esse período é marcado pelo Governo Militar (1964-1985) que, para criar condições de financiamento do processo de industrialização do país e das grandes obras de infraestrutura, reestrutura todo o sistema financeiro nacional. A chamada "Reforma Bancária" criou condições para o advento de instituições capazes de movimentar grandes quantidades de capital... (Nogueira. 2018, p. 48).



Figura 19: Volumetria do banco do Nordeste em Cajazeiras.
Observar a existência de um plano de brises, no projeto original. Fonte: <https://www.diariodosertao.com.br>

Em termos de ideário moderno, contudo, devido às mudanças econômicas impetradas, os bancos passaram à condição inédita de grandes protagonistas da arquitetura moderna brasileira e promoveram a construção de um significativo número de obras por todo o país, e principalmente em cidades interioranas:

A expansão bancária não se limitou aos grandes centros urbanos, se processou também no sentido de uma maior interiorização da rede bancária, o que levou exemplares da arquitetura moderna a cidades que normalmente não veriam esse tipo de manifestação construtiva erudita. Este fenômeno aconteceu inclusive no interior da região Nordeste, em cidades sem nenhum processo de industrialização e cujo contexto urbano era, muitas vezes, dominado por uma arquitetura vernácula (Nogueira, 2018, p. 49).

A linguagem brutalista foi adotada na obra que se sobressai no lugar (figura 20), por sua forma imponente, empregando um sistema construtivo em concreto armado, possuindo uma platibanda arqueada em forma de pórtico que funciona também como marquise na fachada principal.

Poucas limitações de programa, verba generosa, intenção plástica carregando os ideais muito característicos da arquitetura brasileira - espaços amplos, integração, desafio estrutural, emprego do concreto armado e pretendido - uniram-se na materialização de muitos exemplares arquitetônicos que vão da estranheza, à genialidade, enquanto resultados... Nada de austeridade, dessa vez: exuberância seria o termo mais correto para definir as experiências praticadas nesse período (Zein, 1984, p. 50).





Figura 20: Detalhe da platibanda brutalista. Fonte: Foto de M Goldfarb. 2025

Nesse contexto, os arquitetos aproveitaram, diante da disponibilidade de recursos e de um programa de necessidades relativamente simples, para elaborar essa experimentação formal na cidade.

Terminal Rodoviário Clóvis Rolim (1990)



Figura 21: Terminal Rodoviário Clóvis Rolim (1990). Fotos: D. Diniz. 2025.

Desde o ano de 1964, o antigo terminal rodoviário Antônio Ferreira (popularmente conhecida como Rodoviária velha) desempenhou o seu papel, mas o crescimento urbano de Cajazeiras necessitava de uma área maior para atender às novas demandas programáticas desse equipamento social urbano (figura 21).

Dessa maneira, no início dos anos 90 do século XX, foi inaugurada a nova obra, que mesmo tendo sido construída em 1990 adotou em sua concepção os princípios projetuais da forma moderna,



comprovando assim a permanência- mesmo que tardivamente, de valores que vêm sendo mantidos na arquitetura contemporânea. Infelizmente, não se conseguiu na pesquisa realizada descobrir-se a autoria da obra. Apresenta uma "nítida influência projetual do Terminal Rodoviário de Campina Grande (Estação Rodoviária Argemiro de Figueiredo, que foi projetado por Glauco Campello e equipe, entre 1979-1985 (Afonso e Pedrosa, 2024, p. 90).

Em Campina Grande a escala projetual foi bem maior (Afonso, 2022, p.401), e nessa obra de Cajazeiras, menor em área construída, contata-se também, um bom resultado arquitetônico, decorrente da harmonia das soluções, com uma escala proporcional e equilibrada, destacando-se pelo sistema estrutural em treliça. (Afonso, 2025, p.279).



Figura 22: Terminal Rodoviário Clóvis Rolim (1990). Fonte: Foto de D. Diniz. 2025.

Conhecida como a nova Rodoviária de Cajazeiras (figura 22), a obra foi implantada em terreno de esquina, com frente para a Avenida comandante Vital Rolim, e laterais para a Rua José Moreira de Figueiredo e Regina Correa de Souza, solta no lote amplo, que deixou reservada em sua parte frontal um espaço público para a construção da Praça Onésio Uchôa. No recuo posterior há uma área de estacionamento tratada adequadamente com um agenciamento paisagístico que valorizou a obra, pela presença de passeios para pedestres e veículos, vegetação e um volume cilíndrico em concreto destinado à caixa d'água que marca o local. (Afonso, 2025, p. 279)

O projeto foi concebido em um terreno que possui uma pequena inclinação, e por isso foi construído um platô para receber os espaços de serviços da rodoviária, que fica elevado em relação à área de embarque e desembarque frontal. Tal diferença de nível é bem visível na parte frontal da edificação, já que na parte posterior, a relação com o nível da rua de serviços possui pouca diferença de nível (Afonso, 2025, p. 279).



Foi concebida adotando os princípios da forma moderna e sensibilidade construtiva brutalista, com elementos estruturais em concreto armado aparente e uma grande cobertura metálica em treliças espaciais de alumínio natural (Figura 23):

Como linguagem plástica foi adotada a nova sensibilidade construtiva do brutalismo, no qual as soluções e materiais construtivos se apresentam de forma aparente, como por exemplo, os elementos estruturais em concreto armado e a grande cobertura metálica. Tectonicamente, observou-se que foi empregado o uso da modulação estrutural sistemática e ritmada, presente na solução dos pilares em concreto armado, que funcionam como pilotis, apoianto a grande cobertura metálica, composta por um sistema estrutural em treliças espaciais que empregaram tetraedros formados por barras de alumínio natural esbeltas (Afonso, 2025, p. 279).



Figura 23: Terminal Rodoviário Clóvis Rolim (1990). Fonte: Foto de D. Diniz. 2025.

A planta baixa livre e modular foi tratada com amplas circulações externas, que funcionam também como grandes beirais e marquises, protegendo o edifício das intempéries climáticas, dando leveza ao volume como um todo. Uma circulação interna divide em blocos os serviços presentes no programa de necessidades, composto por lojas de vendas de passagens, balcão de informações, sanitários, restaurante, lanchonetes, áreas cobertas para embarque e desembarque de passageiros estacionamento para os usuários- conectando os setores da planta.

Assim, tanto os espaços internos, quanto os externos são bastante fluídos, transparentes, e agradáveis climaticamente. A obra vem sendo mantida, estando bem conservada e preservando seus atributos originais ao longo dos anos. Após essa breve amostragem das obras, foi construído um quadro analítico sintetizado pontos cruciais de cada exemplar aqui tratado.

Quadro Analítico e Comparativo das Obras Arquitetônicas Modernas em Cajazeiras

OBRA	TERMINAL RODOVIÁRIO EDIFÍCIO ANTÔNIO FERREIRA (RODOVIÁRIA VELHA)	ANO 1969	ARQUITETO Raimundo Ferreira (construtor) / Prefeitura Municipal (gestão Francisco Matias Rolim)
LOCALIZAÇÃO	Av. João Rodrigues Alves, com Rua Valdenes Pereira de Souza		
TECTONICA	Planta em formato de "L"; recuos no edifício; estrutura em concreto armado; paredes em alvenaria rebocadas e pintadas; esquadrias em madeira e vidro; ladrilhos cerâmicos; torre metálica com televisão.		
USO ORIGINAL	Institucional/Serviços (Terminal de Passageiros, comercial e turismo)		
OBSERVAÇÕES	Considerado o terminal mais moderno da Paraíba na época. Em desuso e atualmente interditado devido à degradação.		
OBRA	RESIDÊNCIA JOSÉ CAVALCANTI BORSOI	ANO 1965-1966	ARQUITETO Acácio Gil Borsoi (arquitetura) e Janete Costa (interiores)
LOCALIZAÇÃO	Esquina das Ruas Barão de Rio Branco e Joaquim Costa, bairro Centro		
TECTONICA	Planos de paredes cegas; venezianas para ventilação e luz natural; estrutura em concreto armado com vigas invertidas; uso de pedras rústicas, mármore carrara, tijolinho cerâmico, madeira natural e cobogó circular.		
USO ORIGINAL	Residencial		
OBSERVAÇÕES	Sofreu reforma e ampliação em 1978, também assinada por Borsoi com Vera Pires. Mantém a função residencial		
OBRA	ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL TÉCNICA (ECIT) CRISTIANO CARTAXO	ANO 1975 (fundação)	ARQUITETO Equipe de arquitetos da Secretaria de Educação (Governo Estadual)
LOCALIZAÇÃO	Av. Júlio Marques do Nascimento, 915, Bairro Jardim Oásis		
TECTONICA	Pilares-calha/viga que marcam ritmo das esquadrias; brises-soleils horizontais nas fachadas leste e oeste; alto e baixo relevo na fachada principal; concreto armado aparente; elementos vazados.		
USO ORIGINAL	Educacional (Escola Polivalente)		
OBSERVAÇÕES	Implantada recuada dos muros em terreno acidentado. Sofre com falta de manutenção e condições climáticas.		
OBRA	ANTIGO PRÉDIO DA TELPA	ANO 1979	ARQUITETO Sérgio Teperman
LOCALIZAÇÃO	Esquina da Rua Sebastião Bandeira de Melo com Rua Dr. Bonifácio Moura		
TECTONICA	Linguagem brutalista; uso predominante de concreto armado aparente; volumes sacados; grandes planos de vidro; pastilhas na cor caramel; implantação em terreno acidentado.		
USO ORIGINAL	Institucional (Sede da Telecomunicações da Paraíba S/A - TELPA)		
OBSERVAÇÕES	O último pavimento parece ter sido uma intervenção posterior, não dialogando com o projeto original. Não se integrava ao entorno imediato.		
OBRA	BANCO DO NORDESTE	ANO 1985-1986	ARQUITETO Tito Lívio
LOCALIZAÇÃO	Esquina da Rua Padre Rolim com Rua Germiniano de Souza, área central		
TECTONICA	Linguagem brutalista; forma imponente; platibanda arqueada em forma de pórtico/marquise; sistema construtivo em concreto armado; projeto replicado em Santo Antônio-RN.		
USO ORIGINAL	Institucional (Agência Bancária)		
OBSERVAÇÕES	Não se integra ao contexto urbano de baixo gabarito e arquitetura vernacular. Representa o "modernismo persistente".		
OBRA	TERMINAL RODOVIÁRIO CLÓVIS ROLIM (NOVA RODOVIÁRIA)	ANO 1990	ARQUITETO Autoria não descoberta
LOCALIZAÇÃO	Av. Comandante Vital Rolim, com Ruas José Moreira de Figueiredo e Regina Correa de Souza		
TECTONICA	Princípios da forma moderna; implantação solta no lote; grande cobertura metálica com treliças espaciais de tetraedros em alumínio natural; elementos estruturais em concreto armado aparente; volume cilíndrico para caixa d'água.		
USO ORIGINAL	Institucional/Serviços (Terminal Rodoviário)		
OBSERVAÇÕES	Influência do Terminal Rodoviário de Campina Grande (Glauco Campello). Apresenta boa harmonia e escala proporcional.		

Fonte: Elaboração de Alcilia Afonso. 2025.



DISCUSSÃO

A arquitetura moderna em Cajazeiras evidencia uma recepção da linguagem da modernidade nacional, reinterpretada segundo o contexto sertanejo e seus condicionantes. A ação de arquitetos como Borsoi e Janete Costa demonstra um esforço em tropicalizar as soluções técnicas e formais. Por outro lado, edifícios institucionais como os da TELPA e do Banco do Nordeste revelam a imposição de modelos replicáveis que, embora eficazes tecnicamente, poucos dialogaram com o entorno urbano.

A possível presença da SUDENE deve ser explorada mais amplamente como elemento articulador da implantação de políticas públicas de desenvolvimento urbano e arquitetônico no recorte analisado, podendo ser tema de investigação posterior. Sua influência indireta via financiamento de infraestrutura e de equipamentos públicos regionais, é plausível e encontra eco nos projetos voltados à modernização do interior. Nesse panorama, a arquitetura moderna surge como linguagem do crescimento econômico, ainda que suas expressões nem sempre estejam ancoradas em um planejamento urbano de longo prazo.

A produção da arquitetura moderna em Cajazeiras marca a paisagem urbana com obras significativas que merecem ser inventariadas e preservadas, revelando que a modernidade no Sertão se apresenta como um processo complexo, que articula políticas públicas, cultura local e linguagens arquitetônicas diversas, havendo muito por ser estudado e compreendido.

É urgente a implementação de políticas de educação patrimonial e conservação do acervo moderno, que possibilitem à população reconhecer nesses bens a expressão de sua memória histórica e identidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa breve amostragem de exemplares da modernidade em Cajazeiras, conclui-se que esse ensaio é apenas uma semente para que novas pesquisas sejam realizadas sobre a presença dos princípios modernos no sertão nordestino, especificamente, na Paraíba. Observa-se que os estudos acabam por enfocar a produção de capitais e cidades de maior porte, deixando de lado, esses lugares nos quais se tem tanto por investigar, e consequentemente aprender e apreender.

Com a existência de um curso de arquitetura e urbanismo da cidade, a UNIFSM /Centro Universitário Santa Maria- há uma esperança de que pesquisas possam ser realizadas sobre Cajazeiras, que enfoquem o patrimônio arquitetônico urbano em todas as suas tipologias e linguagens estilísticas, a fim que a identidade cultural local possa ser devidamente documentada e preservada.

A necessidade de diálogo entre o ensino, a pesquisa e a extensão se tornam um caminho necessário e imprescindível para subsidiar trabalhos técnicos que possam ser desenvolvidos por futuros profissionais no sentido de intervir corretamente na preservação, documentação e conservação- de tais obras.

Aconselha-se ao jovem pesquisador ou profissional que se conectem com redes de estudos universitários estaduais, nacionais, bem como, com associações e entidades preservacionistas como, por exemplo, o Docomomo Brasil, o Icomos, entre outros, no sentido de procurar interagir, inserindo-se assim, num debate preservacionista brasileiro, e que o trabalho de preservação municipal possa ser aquecido

Outro ponto diz respeito a detectar, descobrir, se houve diferencial entre a produção sertaneja, e a produção litorânea da capital paraibana que emanava as influências para as cidades do interior. Teria havido adaptações climáticas, tecnológicas, à cultura local?

São algumas questões que esse trabalho nos traz a fim de que seja dada a devida continuidade por todos aqueles que vivem e convivem com a realidade sertaneja, tão rica, intensa, peculiar, e que urge por mais pesquisas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Comunidade escolar lamenta promessas sem fim para a ECIT Cristiano Cartaxo, em Cajazeiras.2024.
<https://coisasdecajazeiras.com.br/noticias/comunidade-escolar-lamenta-promessas-sem-fim-para-a-ecit-cristiano-cartaxo-em-cajazeiras/> acesso em 1/5/2025.
- AFONSO, Alcilia. Capítulo 6: Arquitetura e lugar. Cajazeiras. Em: AFONSO, Alcilia. PEREIRA, Ivanilson; THAMAY, Thiago. (org). Documentos da Arquitetura moderna na Paraíba. João Pessoa: Ed. dos autores. 2025.
- AFONSO, Alcilia. PEREIRA, Ivanilson; THAMAY, Thiago. (org). Documentos da Arquitetura moderna na Paraíba. João Pessoa: Ed. dos autores. 2025.
- AFONSO, Alcilia. Patrimônio industrial arquitetônico em Pernambuco. Recortes tipológicos. Recife: Ed. da Autora. Funcultura. 2024.
- AFONSO, Alcilia. Estação Rodoviária Argemiro de Figueiredo, 1979-1985. Em Afonso, Alcilia (org). Campina Grande Moderna. Campina Grande: EDUFCG. 2022. pp.401-418.
- AFONSO, Alcilia e Pedrosa, Helton. Arquitetura moderna em Campina Grande. Conservar já, documentar sempre. Campina Grande: Docomomo Brasil. 2024. pp. 90- 91.
- AFONSO, Alcilia. La consolidación de la arquitectura moderna en Recife en los años 50. Los criterios proyectuales de la Escuela de Recife. Barcelona: Tese doutoral. ETSAB. UPC. 2006.
- AFONSO, Alcilia. Modernidade arquitetônica tropical: patrimônio arquitetônico moderno recifense e sua influência no Nordeste brasileiro. Recife: Edit. Da autora na CEPE. 2022.
- Antiga Rodoviária em Quatro Tempos. Em rede: https://www.cajazeirasdeamor.com/2012/03/antiga-rodoviaria-em-dois-tempos.html#google_vignette. 18 de março de 2012. Acesso em 30/04/2025.
- ASSIS, Thiago Brandão de. Compreendendo a sexualidade na adolescência por meio do modelo biopsicossocial: estratégias didáticas para o professor do ensino médio. João Pessoa: Dissertação de mestrado. CCEN. UFPB. 2024.
- FERREIRA, Edilene. O uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação no ensino e na linguagem da aprendizagem inglesa. João Pessoa: Dissertação de mestrado. CCE. UFPB. 2010
- FIGUEIREDO, Fernando. Entrevista concedida ao Diário do Sertão sobre a antiga Rodoviária de Cajazeiras. Em rede: <https://www.dailymotion.com/video/x8rhxox>.2023. Acesso em 30/04/2025
- LEMOS, C. Arquitetura Bancária e Outras Artes. In: Revista Projeto. N° 26. janeiro de 1981. São Paulo: Projeto Editores Associados, 1981.
- MELO, Marieta Dantas Tavares. Acácio Gil Borsoi: arquitetura residencial paraibana. João Pessoa: Dissertação de Mestrado. PPGAU UFPB. 2013.
- NOGUEIRA, A. B. Arquitetura moderna bancária pelo Nordeste (1968-1986). . Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo e Design) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- PEREIRA, José. Fotos e fatos. Em rede: <https://www.diariodosertao.com.br/noticias/641837/video-era-o-ponto-turistico-da-cidade-diz-radialista-sobre-antigo-terminal-rodoviario-de-cajazeiras.html>. Acesso em 30/04/2025
- PORTO, Manfredo A V. O patrimônio moderno no sertão da Paraíba. Recife: TCC de graduação em arquitetura e urbanismo. UFPE. 2012.
- TORRES, Ricardo Lobato et al. Evolução institucional da SUDENE: gênese, extinção e recriação. RPPR/ Revista Política e Planejamento Regional - Rio de Janeiro . vol. 6, n° 2, maio a agostode 2019.
- ZEIN, R. Muita construção, muita arquitetura. In: Revista Projeto. N° 63. São Paulo: Projetos Editores Associados, maio, 1984.

